



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MEMÓRIA, OTIMISMO E DISCURSO RELIGIOSO NA INTERNET: UM OLHAR SOBRE A PÁScoa JUNTO AO *SITE* PLANETA *POWERPOINT*

Aline de Caldas Costa dos Santos
(UESB)

Edvânia Gomes da Silva
(UESB)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo identificar a presença de uma memória coletiva referente ao discurso religioso em narrativas de otimismo disponíveis para compartilhamento público em uma comunidade virtual chamada Planeta *PowerPoint*. O recorte da análise é a Páscoa. O estudo foi realizado através de revisão bibliográfica e estudo de caso. Dentre os resultados alcançados, constam a presença do otimismo e dos sistemas de orientação e devotamento judaico, cristão e pagão.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Otimismo. Discurso religioso. Internet. Páscoa.

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado que se encontra em andamento no Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB, Vitória da Conquista) sob

-Doutoranda em Memória: linguagem e sociedade pela Universidade do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Membro dos grupos de pesquisa Estudos da Língua(gem) (UESB) e Identidade Cultural e Expressões Regionais (ICER/UESC). Bolsista FAPESB. E-mail: alinedecaldas@gmail.com.

-Orientadora do Projeto de Tese que deu origem a este artigo. Doutora em Linguística. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

o título Memória, otimismo e discurso religioso nas redes sociais em tempos de ética pós-moderna.

A pesquisa objetiva identificar a presença do discurso religioso justaposto às narrativas de otimismo disponíveis para compartilhamento público através da internet, tendo em conta a questão da identidade. Entende-se que a prática de compartilhar mensagens de otimismo na rede mundial de computadores expressa mudanças sociais através de uma memória coletiva, dinâmica, reforçadora do discurso religioso em diferentes meios sociais.

O presente recorte visa a analisar materiais publicados pela comunidade virtual Planeta *PowerPoint*(<http://planetapowerpoint.com.br>) a respeito da Páscoa. A referida página virtual congrega um blog, uma rede social e um grupo de compartilhamento de conteúdos intitulado “*power point* semanal”, que consiste no envio por e-mail de dois arquivos por semana, mediante realização de cadastro. O material coletado para o *corpus* desse estudo foi publicado no blog, que também produz informações técnicas sobre o manuseio do programa de edição de *slides* e conteúdos variados, identificados pelos marcadores Auto Conhecimento, Ciência, Comportamento, Cultura, Curso *PowerPoint*, Humor, Informática, Música, Papo Rápido, Sem categoria, Slides pps, Sociedade, Utilidade Pública.

O estudo foi realizado a partir de revisão de literatura de estudos multidisciplinares no campo da memória, da cultura e da filosofia, constituindo-se em estudo de caso.

O que as pessoas fazem para lembrar? O que as sociedades fazem para esquecer? Quais as vozes autorizadas a selecionar o que deve ser lembrado pela nação? Essas são algumas das questões-chave dos estudos sobre memória e sociedade contemporâneos. A Nova História, com sua perspectiva crítica em relação ao passado enquanto objeto de estudos da história, tem buscado apontar respostas possíveis a essas e a outras questões correlatas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Baseando-se em olhares interpretativos, para além das descrições, esse paradigma compreende o processo de socialização do sujeito histórico a partir de características subjetivas, culturais, dialéticas. Também admite o estudo de temas e uso de fontes não convencionais, a exemplo de signos, memórias coletivas e mesmo o sujeito histórico. Concebe uma relação não linear com a temporalidade e, segundo Le Goff, “se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva” (1990, p. 473).

Para se debruçar sobre essas perguntas, é importante ver a memória como um campo vivo, instalado no momento presente da vida do sujeito ou dos grupos sociais, funcionando como laço que os une; refere-se, portanto, ao que tem movimento dialético (NORA, 1993). A memória é natural, utilizando o corpo como suporte. Em contraste, a história é artificial, porque é produzida pelo homem, registrada em meios formais, cujo conteúdo pretende ser versão oficial de algo que deixou de existir. A história tem cunho intelectual e crítico; a memória tem cunho mágico e afetivo.

Nora apresenta também a noção de “lugares de memória”, ou seja, espaços simbólicos em que se “sacralizam” as memórias coletivas. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” (Ibid., p.13). Torna-se lugar de memória aquele recurso que se presta a lembrar aos sujeitos, grupos e nações, o que não pode ser esquecido no repertório discursivo que compõe sua identidade cultural. Essa concepção teórica é necessária ao estudo proposto, pois entende-se o ambiente das redes virtuais enquanto lugar de memória, enquanto recurso para a necessidade humana de registrar e dar visibilidade a suas memórias vivas.

Maurice Halbwachs (2004) coloca a memória enquanto fenômeno social. Não importa se existe outro sujeito na relação, a memória sempre será acionada



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pelo outro. Ela se torna um meio de conhecer a realidade, mesmo que de forma subjetiva.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (p. 26).

O estudo da prática de compartilhar mensagens pressupõe a existência de outro sujeito, o receptor “presenteado” com o discurso de otimismo ou religião. Ainda que este não responda ao contato, a memória coletiva se estabelece, pois o emissor elabora a imagem de si através do ato de envio, independente de receber um *feedback*.

Isso ocorre porque se entende, com contribuição de Le Goff, que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (1990, p. 476). A compreensão de memória enquanto fenômeno amplo, pessoal ou grupal, que se atualiza no tempo e no espaço, fundamenta esse estudo de modo a permitir apreender uma parcela da realidade que ocorre e se transforma com rapidez, em ambiência dinâmica, como a virtual.

O período conhecido como Antiguidade Grega foi marcado por enorme progresso científico. Após muitas conquistas nos campos das ciências naturais e exatas, alguns pensadores propuseram dedicação às questões humanísticas, debruçando-se sobre indagações acerca da origem e do destino do homem, das razões da vida e do caminho para encontrar a felicidade. Entretanto, o chamado otimismo foi um comportamento filosófico mais largamente notado durante o Iluminismo. Superados os motivos que subordinavam o homem a verdades



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

absolutas ao longo do período medieval, deu-se a confiança no homem e em sua racionalidade como fontes seguras para construir um modo de vida mais livre e ético. A modernidade permitiu a difusão de conhecimentos filosóficos que, embasados pelos princípios da laicização, expansionismo, inovação e democratização, levariam ao progresso técnico-científico e a um estado de vida mais feliz para as nações (CANCLINI, 2003).

Contudo, os esforços oriundos do campo da filosofia acerca da liberdade e das buscas do homem por um *telos*, por um modo de vida racional, resultaram em grandes dúvidas. Melhor, resultaram na desistência por encontrar certezas, a exemplo do código ético universal, visto que os conceitos de certo e errado se relativizam de uma comunidade para outra (BAUMAN, 1997; DEMO, 2005).

O mal-estar resultante dessa constatação impregnou muitas obras filosóficas, as quais lançaram à contemporaneidade o título “pós-modernidade”. Aqui, reconhece-se que os projetos da modernidade resultaram distintos do planejado: as religiões se multiplicaram; as colônias lutaram por independência; as inovações tecnológicas e sua democratização – estratégia de manutenção de mercados consumidores – levaram à ruptura com as vozes oficiais e promoveram a tomada de palavra por parte de comunidades e sujeitos antes anônimos.

Nesse contexto de polifonia de vozes, ocasionada pela popularização de tecnologias de comunicação e acesso à internet, progride um discurso contraditório ao pessimismo filosófico, fundamentado no âmbito metafísico, assertivo sobre a existência de um caminho para a felicidade, da esperança em superar as dores contemporâneas e na possibilidade de afirmar uma imagem de identidade voltada para o bem.

A prática do compartilhamento das mensagens de otimismo pode caracterizar uma estratégia de lembrança, o que indica uma mudança social: a migração da evidência coletiva sobre o tema “crise de valores éticos” para o tema



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“confiança na felicidade” e, ainda, configurar uma forma de alimentação do discurso religioso nesse lugar de memória virtual.

O ingresso das religiões nas redes sociais marca o período a que Le Goff chama “seriação eletrônica”, que caracteriza o desenvolvimento atual da memória coletiva. Seja qual for a opção narrativa, as mensagens de conteúdo animador da estima pessoal com plano de fundo religioso são presenças constantes nas páginas de relacionamento social e, por vezes, são divulgadas em modo cooperativo por pessoas que não definiram nenhuma opção religiosa como visão de mundo, mas que desejam se fazer notar enquanto sujeitos de identidade otimista em tempos de crise moral.

Artur Schopenhauer auxilia a compreender o que se chama aqui de otimismo. Em *Aforismos para a Sabedoria de vida* (2006), o chamado filósofo do pessimismo admite elaborar um trabalho em contramão à sua filosofia, dedicando-se à eudemonologia. Parte-se da divisão fundamental do homem, feita por Aristóteles: o que o homem *é*, sua personalidade, valores etc.; o que ele *tem*, seu conjunto de bens ou patrimônio; o que ele *representa* face os demais, sua “honra, posição e glória” (grifos do autor). Para Schopenhauer, o primeiro elemento dessa divisão tem primazia sobre os demais. Por secundarizar o intelecto, a educação e o modo de existir, os sujeitos vivem o “vazio de suas vidas interiores, a obtusidade de suas consciências e a pobreza de suas mentes” (p. 5). Decorre disso a busca acelerada e incessante pelas duas demais divisões, o ter e o aparentar, em tentativa de encobrir de imagem de felicidade o que, em verdade, “emerge da pobreza e vacuidade mentais”.

O autor explica que “aquilo que um homem é por si mesmo, aquilo que o acompanha em sua solidão e aquilo que ninguém pode proporcionar ou subtrair, obviamente, lhe é mais essencial que tudo o que possui, ou mesmo ao que pode ser aos olhos dos outros” (p. 4). Se o sentido objetivo da vida não proporciona satisfação e felicidade essenciais, somente o sentido subjetivo o pode. Somente



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

quando aborda o campo ético, Schopenhauer apresenta um otimismo prático, fundamentado na “compaixão”, no exercício de reconhecer as dores e misérias do outro. Reconhecer as desventuras do mundo levaria o sujeito à serenidade, à calma intelectual, característica da velhice.

As colocações de Schopenhauer não apontam o caminho para a felicidade, tampouco explicitam um conceito claro do otimismo, mas descrevem o contexto em que se busca identificar o otimismo na comunidade virtual em estudo: quando se chama a atenção para as dores e misérias de alguns homens no mundo, quando sugere investir na divisão aristotélica do *ser* sobre o *ter* e o *aparentar*, quando recomenda o silenciar, desligar-se da inquietude e, citando Homero, confiar o futuro ao “colo dos deuses”.

O discurso religioso, por sua vez, é identificado a partir do que Erich Fromm intitulou “estruturas de orientação e devotamento”, que, contendo ou não uma proposição teística - uma ideia de Deus - se referem “a todos os sistemas de ideias que procuram dar resposta à busca de significado pelo homem e à tentativa deste para compreender sua própria existência”. (1972, p. 49). Para Fromm, paralelo ao crescimento material alcançado com a modernidade, o homem vive ansiedades e inquietações, impotência e perplexidade que se estabelecem através de um sentimento de futilidade e dúvida acerca da sociedade e do próprio homem. Nessa ambiência, ocorre esforço por viver uma conduta ética, enfatizando a necessidade do homem de uma orientação e de devotamento.

A teoria do caráter de Fromm compreende que o sujeito se forja a partir de tipos específicos de relacionamento com o mundo. Em primeiro lugar, o homem se relaciona como mundo “assimilando coisas”, “recebendo-as ou tirando-as de uma fonte exterior ou produzindo-as através de seu próprio esforço”. Em segundo lugar, o homem relaciona-se com o mundo “relacionando-se com pessoas”. É nesse sentido que passamos ao estudo da comunidade virtual Planeta *PowerPoint* enquanto meio onde o homem se relaciona com o mundo, através da *assimilação* e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da *socialização*, pois encontra conteúdos de otimismo disponíveis e os é incitado a compartilhá-los com sua rede de contatos virtuais.

O espaço virtual *Planeta PowerPoint* tem em sua página inicial um menu composto por três opções de navegação: blog, mensagens semanais e rede social. O acesso à rede social é limitado por moderação e nele somente ingressa o internauta que receber um convite. A opção mensagens semanais apresenta os procedimentos para cadastro gratuito e descreve tratar-se de “Belas apresentações (slides) em *PowerPoint*, mensagens motivadoras, lindas imagens e textos para criar um ambiente de alegria e bem-estar”. O blog é um espaço de acesso gratuito onde são disponibilizados conteúdos variados, porém em formatos de imagem, vídeo ou texto.

Para esse estudo, foi escolhida uma postagem de conteúdo do blog a respeito da Páscoa intitulada “Páscoa é tempo de celebrar a vida”. Trata-se da união de 21 imagens de filhotes de animais variados. Algumas destacam o olhar objetivo dos animais para a câmera, outras destacam mãos humanas, em posição de suporte, cuidado ou em explícita posição de contraste de tamanhos em relação aos filhotes. Há ainda algumas imagens que apresentam figuras humanas em interação com os animais.

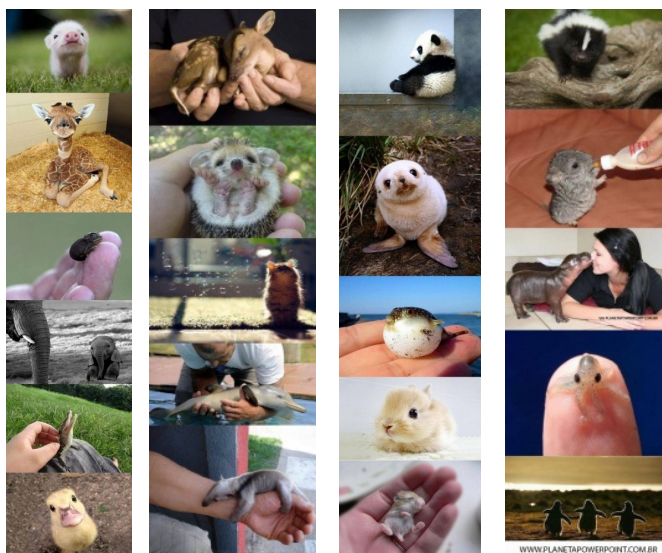


Fig 01: Postagem “Páscoa é tempo de celebrar a vida”.
Fonte: <http://planetapowerpoint.com.br/camara1/?p=2254>, 2013. Adaptação Aline de Caldas.

É necessário, todavia, explicitar os elementos que caracterizam a Páscoa. De acordo com Schlesinger e Porto, em seu dicionário *As religiões ontem e hoje* (1982), o verbete Páscoa tem relação com o judaísmo e o cristianismo.

Para os judeus, a Páscoa marca a passagem de *Iahweh* - o nome bíblico de Deus ou Senhor - pelas casas dos israelitas, atingindo as dos egípcios. Em especial, simboliza o fim do sofrimento dos descendentes de Abraão junto aos egípcios, que fora anunciado ao mesmo por meio de profecia:

Então disse Iahweh a Abrão: Sabes, de certo, que peregrina será a tua descendência em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos, Mas também eu julgarei a nação, à qual ela tem de servir, e depois sairá com grande riqueza. (GENESIS, 15: 13-16).

A palavra Páscoa provém do Hebraico, *pessah*, que significa passagem. Destaca o fluxo para o Egito e a partida dos descendentes de Abraão.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

celebra-se a lembrança da libertação dos israelitas da escravidão do Egito, que ocorreu no dia 14 do mês hebraico *Nissan*, aproximadamente 1280 anos a.C. Desde então a Pessah foi para o israelita o aniversário da libertação do jugo da escravidão, a qual devia guiá-lo à libertação do espírito, à fé, à virtude e para uma vida nobre e sagrada (SCHLESINGER; PORTO, 1982, p.212).

Na tradição judaica, a Páscoa rememora o êxodo do Egito e festeja a liberdade. O nome hebraico do Egito, *Mitzrayim*, apresenta correlação com "fronteiras" ou "limitações". Assim, a partida do Egito também simboliza a superação das barreiras, internas ou externas, à vivência do potencial espiritual de cada alma (TOUGER, s.d.). Schlesinger e Porto acrescentam que "*Pessah* é também considerada a festa da primavera, coincidindo a sua data com a primavera em Israel" (id., p. 212).

Na tradição cristã, a Páscoa marca a "passagem de Cristo pela região da morte para a ressurreição e a vida" (SCHLESINGER; PORTO, 1982, p.206). Jesus morreu em época de comemoração da páscoa judaica, mas aqui se destaca o termo *passio* ou paixão, que se refere ao sofrimento excessivo de seu martírio. "Em ambos os sentidos, judaico e cristão, é uma celebração libertadora que aponta na direção de uma realidade de ultrapassagem e de vitória sobre todos os males, presente como esperança no coração dos homens" (Ibid. pp. 206-207).

À parte do contexto religioso judaico ou cristão, alguns povos, ditos pagãos, de regiões europeias, já comemoravam a chegada da primavera através de rituais que destacam a fertilidade.

as tribos pagãs da Europa adoravam a bela deusa da primavera – EE-ah-tra ou Eostre. Festivais para celebrar o nascimento da primavera eram organizados em honra a Eostre no final de março, tempo em que o inverno acabava e a primavera começava a brotar no hemisfério norte. Eostre evoluiu em inglês para Easter e em alemão para Ostern, que significa Páscoa. Outros associam a palavra Easter com o nascer do sol no Este (Leste). Nesse período muitos desses povos realizavam rituais de adoração para Eostre, a deusa da Primavera (MUNDO..., 2011).

Dentre as representações mais comuns, Eostre, também conhecida como “Páscoa”, é mostrada como uma mulher acompanhada de coelhos e ovos.



Fig 02: Representação feita pela Ordem Teutônica (germânica) de Eostre.
Fonte: <http://www.thaliatook.com/AMGG/eostre2.html>, 2013

Vale citar a passagem do Dicionário de símbolos acerca da referência ao ovo:

O ovo aparece igualmente como um dos símbolos da **renovação periódica** da natureza: tradição do ovo da Páscoa, dos ovos coloridos, em numerosos países. Ilustra o *mito da criação periódica*. Mircea Eliade se manifesta contra uma interpretação empírico-racionalista do ovo, *considerado como germe...* o símbolo que o ovo encarna (segundo os conjuntos místico-rituais de diversas religiões) não se refere tanto ao nascimento, mas antes a um **renascimento**, repetido segundo o modelo cosmogônico... o ovo confirma e promove a ressurreição que... não é um nascimento, mas, um **retorno**, uma repetição (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 674, grifos dos autores).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Retomando o material da comunidade Planeta *PowerPoint*, identifica-se, em praticamente todas as imagens, o discurso não-verbal da renovação da vida: a pequenez dos filhotes, as mãos cuidadoras ou protetoras da vida recém-chegada.

A presença do otimismo pode ser demarcada sob diversos aspectos. O olhar direto dos animais para as lentes fotográficas, com enquadramento em *close*, sugerem ternura e confiança, pois os animais não fogem ao contato humano, mesmo com a proximidade que esse quadro exige ao fotógrafo.

As imagens que mostram interações divertidas entre animais e homens reforçam a colocação de Schopenhauer, em sua apropriação do tripé aristotélico, a cerca da priorização do *ser*, pois representa valores éticos voltados à proteção da vida. A ausência, enquanto signo, da incitação ao consumo, o *ter*, ou da representação de uma imagem de sujeito revestida de posições sociais, o *aparentar*, reforçam essa leitura.

As cenas de cuidados para com os filhotes na ausência de seus genitores caracterizam a compaixão, categoria de estudos de Schopenhauer responsável por ativar no homem o seu crivo ético.

O discurso religioso pode ser justaposto ao de otimismo através de alguns pontos de encontro. Em primeiro momento, ele se faz presente pela memória coletiva que estabelece a celebração da Páscoa como período de reflexão sobre a morte e renovação da vida (cristianismo).

Em seguida, pode-se traçar uma ponte entre a mensagem da comunidade virtual e a leitura característica do sistema de “sistema de devotamento” judaico em relação ao ovo: o ovo tem seu conteúdo líquido, que se torna rígido quando submetido ao calor, ou seja, a um ambiente adverso. Ao mesmo modo, o povo judeu, frágil em sua condição de escravo, se torna forte quanto mais sofrimentos enfrenta, pois amadurece e reforça a fé na proteção divina aos descendentes de Abraão. Os ovos coloridos trocados quando da celebração da Páscoa representam a superação às adversidades enfrentadas pelo povo judeu, bem como a renovação da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

vida e da esperança. As imagens dos filhotes transmitem o discurso da fragilidade, porém, a presença das mãos adultas garantem proteção e força, como Deus a proteger o povo judeu, permitindo uma correlação com a memória discursiva do sistema de devotamento judaico.

Por fim, os sistemas pagãos também são identificáveis na mensagem à medida que explicita o começo da vida: a fertilidade, o início de um novo ciclo biológico, destacando o futuro crescimento e o fortalecimento da vida.

CONCLUSÕES

Constata-se que, na mensagem selecionada, existem traços marcantes de uma memória coletiva ativada pelas referências tanto do otimismo quanto dos “sistemas de orientação e devotamento” pagão, judaico e cristão.

A Páscoa sugerida pela comunidade Planeta *PowerPoint* se afasta do discurso ordinário capitalista, amplamente divulgado pela mídia comercial. Mais que isso, se aproxima de elementos históricos que demarcam a confiança nos valores éticos, sugerem pontes possíveis com uma pluralidade religiosa, silentes pelo otimismo enquanto discurso politicamente isento de tendências ou imposições religiosas.

Tais características permitem inferir que a mensagem de otimismo em análise configura uma estratégia de lembrança e difusão de uma memória coletiva do discurso religioso na internet, permitindo confirmar a hipótese da migração da evidência coletiva sobre o tema “crise de valores éticos” para o tema “confiança na felicidade” o que reforça a manutenção do discurso religioso nesse lugar de memória virtual.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- BAUMANN, Zygmunt. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. Português. **Bíblia sagrada**. Reed. Versão de António Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas, 1950. Cap. 15, vers. 13-16.
- CANCLINI, Nestór García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- DEMO, Pedro. **Éticas multiculturais: sobre convivência humana possível**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Tradução Octavio Alves Velho. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. Memória, In: **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- MUNDO Pagão. **A páscoa e sua origem pagã: o equinócio de primavera**. Disponível em <http://www.mundopagao.org/2010/04/pascoa-e-sua-orgiem-paga-o-equinocio-de.html/#more>. Acesso em Abril/2013.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 10, p. 7-28, dez, 1993.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **As religiões ontem e hoje**. São Paulo, Edições Paulinas, 1982.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. 2ª ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006.
- TOUGER, Eli. **Deixando o Egito**. Disponível em http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2174876/jewish/Deixando-o-Egito.htm. Acesso em Abril/2013.